



GT 045. Moralidades, afetos e políticas: sobre e das relações de gênero entre indígenas

Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Coordenador/a, Elizabeth de Paula Pissolato (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Diógenes Egidio Cariaga (PPGAS/UFSC) - Debatedor/a, Suzana Cavalheiro de Jesus (Universidade Federal do Pampa) - Debatedor/a, Andrea Carvalho Mendes de Oliveira Castro (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a

O GT pretende colocar em diálogo pesquisas que refletem sobre os modos indígenas de elaboração e significação de suas noções de identidades de gênero e sexuais diante de suas existências híbridas quando observamos as escalas de mobilidades/trânsitos de referentes morais e éticos que passam a circular e constituir seus cotidianos. Estes referentes plurais têm conectado diferentes pontos de vista entre os coletivos ameríndios; nos modos como as narrativas sobre pessoa, corpo, parentesco não estão distantes de relações que envolvem distintos regimes de alteridade e relações de poder. Sob tais condições sempre plásticas e conjunturais de produzir gradientes relacionais, etnografias recentes conduzem nossos olhares às considerações dos fatores que contribuem para a heterogeneidade de experiências indígenas relativas às problemáticas de gênero que atravessam as estruturas simbólicas e práticas coletivas. Entre estes processos a afiliação religiosa, idade, escolarização, relações com o sistema de saúde, mobilidades e migração, gestão dos territórios, são fatores transversais que intersectam elementos culturais, históricos e políticos que cominam nas cosmopolíticas efeitos conceituais, de tradução, manejo das diferenças e experimentações de vivências diferenciadas. Esperamos reunir pesquisas que reflitam sobre os (re)posicionamentos dos entendimentos indígenas sobre os domínios, relações e agenciamentos masculinos e femininos e como estes vem vivenciando e significando estes processos.

Amor e gênero nahua: um caso transviado

Autoria: Lucas da Costa Maciel

A pessoa kuilot, alguém que recusa a masculinidade e se torna um terceiro tipo de corpo num sistema de sexo/gênero binário, é continuamente vista pelos demais nahua como um ingrato, uma pessoa incapaz de produzir amor e de dar conta das expectativas do princípio de reciprocidade. Como todo ingrato, é concebido como um mau parente. Pouco a pouco, as relações de parentesco em que o kuilot participa, assumindo lugar de ego masculino, se veem desgastadas pela sua incapacidade de produzir amor, o que em termos nativos implica reprodução. No limite, o kuilot perde sua inscrição de parentesco e foge, deixando de pensar na sua família. Ou pelo menos é isso que homens e mulheres dizem sobre quem é kuilot. Já ele, diz que homens e mulheres são incapazes de amá-lo. Para o kuilot, ele produz e demanda um tipo de amor que diverge da versão heterossexualizada e assentada sobre o princípio de reprodução que produz a ortodoxia do parentesco nahua. Questionando os fundamentos da categoria nativa de amor, o kuilot coloca em cheque a necessidade da reprodução, produzindo uma abertura ontológica no mundo nahua que nos exige pensar o parentesco sem reprodução e para além do binarismo homem-mulher que, sob muitos olhares antropológicos, se assume como o fundamento do parentesco. Nesta comunicação, mapearemos o ponto de vista kuilot para argumentar que gênero e sexualidade são eixos que tocam e produzem versões de mundo e que exigem que tratemos de ver os fenômenos numa perspectiva prismática (Strathern). Em especial,



argumentaremos que uma teoria geral do parentesco que assume homens e mulheres como seu fundamento reproduz e legitima, em termos de etnografia nahua, uma visão ortodoxa que exclui o kuilot e o transforma num mau parente, quando esta percepção é apenas uma versão daquilo que entendemos como "cultura" nahua.



Realização:



Apoio:



Organização:

